

Agradeço à Fapeg/Capes, principalmente,  
pela concessão de bolsa de estudos  
que financiou esta pesquisa.  
À PUC Goiás pelo apoio e incentivo.  
À Faje, especialmente na pessoa  
do seu Diretor, Geraldo de Mori,  
e do tutor deste projeto, Jaldemir Vitório,  
pela generosidade na partilha da sabedoria.  
À MINHA FAMÍLIA, à esposa Ilza e à filha Débora,  
pela presença constante, mesmo nas ausências físicas.

---

*Adquirir sabedoria quanto é melhor do que ouro!  
E adquirir entendimento escolhido mais do que prata.  
(Pr 16,16)*

## APRESENTAÇÃO

---

Jaldemir Vitório\*

A tradição sapiencial bíblica é um rico filão ainda pouco explorado, entre nós, nas pesquisas bíblicas. Trata-se do esforço de homens e mulheres, ao longo de milênios, em busca da maneira correta de viver em sociedade, no respeito mútuo, com atenção especial aos mais pobres e desvalidos. Os israelitas, no processo de se organizar como povo, foram desafiados a encontrar um caminho de sabedoria, *ethos*, em perfeita conexão com sua fé. Assim, a fé tinha exigências para o modo de proceder e, ao revés, o modo de proceder tornava-se expressão da fé.

Por um vasto período, a sabedoria (*hokmah*) em Israel foi transmitida oralmente. No âmbito da corte, passou a ser colecionada pelos sábios (*hokamim*), a serviço dos reis, de modo a ser conservada e transmitida (Pr 10,1; 25,1). À sabedoria de Israel juntou-se a de outros povos (Pr 30,1-14; 31,1-9). O prólogo do livro do Sirácida (Eclesiástico) declara que certo judeu de nome Jesus, filho de Sirac, “sentiu necessidade de escrever algo sobre a

\* Sacerdote Jesuíta. Mestre em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico (1986). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1995). Professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Assessor teológico da Comissão Pastoral de Direitos Humanos da Arquidiocese de Belo Horizonte. Membro do Grupo de Biblistas Mineiros. Membro da Comisión Teológica Jesuítica de América Latina. Membro do Grupo Identidade e Missão da Associação Nacional de Escolas Católicas (ANEC) – Regional MG. Membro da Sociedade de Teologia e Ciência da Religião (Soter), da qual também foi presidente.

instrução e a sabedoria”. Chegou até nós a tradução grega dessa obra feita por um neto seu, na diáspora alexandrina, por volta do séc. II a.C., a maior síntese de sabedoria bíblica. O Jó bíblico tem seu correspondente nas literaturas mesopotâmica, suméria e egípcia, muito anteriores no tempo. A sabedoria bíblica insere-se, pois, no esforço hercúleo da humanidade para encontrar o “caminho da vida” (Pr 6,23; 10,17) e a “fonte da vida” (Pr 10,11; 13,14), cujo princípio é o temor do Senhor (Pr 1,7; 9,10; Sir 1,11-21; 19,20; Jó 28,28).

A tradição cristã lança suas bases na tradição sapiencial. Dois exemplos bastam como ilustração. O horizonte da consciência filial de Jesus é o mundo da sabedoria, em que a relação pai-filho é fundamental na construção da sociedade (Pr 1-9). Jesus viveu convicto de ser o filho obediente, em tudo fiel ao querer do Pai (Jo 4,34; 10,30). A lei bíblica era severíssima com os filhos rebeldes (Dt 21,18-21). Por outro lado, o Mestre Jesus de Nazaré escolheu a maneira sapiencial de instruir os discípulos, pois “nada ensinava a não ser em parábolas” (Mc 4,34). O vocábulo *parábola* traduz o hebraico *mashal*, termo polissêmico que inclui não apenas as chamadas parábolas, mas também os provérbios, as controvérsias, as metáforas, as alegorias, os enigmas, tudo presente ao longo da tradição evangélica. O conhecimento da tradição sapiencial, com seus gêneros literários e regras de interpretação, constitui-se em exigência para a compreensão dos ensinamentos de Jesus, expressões da sabedoria do Reino.

A distância no tempo e no espaço não priva a sabedoria bíblica de atualidade. Quicá, na raiz de muitas mazelas sociais, esteja exatamente o desprezo voltado à tradição sapiencial que, a duras penas, os sábios de todos os tempos se deram ao trabalho de produzir e acumular. Que esperar de uma sociedade em que os filhos fazem ouvido de mercador para os conselhos dos pais; as relações sociais carecem de ética e a corrupção campeia; os direitos dos pobres são espezinhados; as instituições veiculadoras de valores (família, igreja, escola) estão esvaziadas; os sábios são figuras raras?

Esse largo percurso tem como objetivo mostrar a extrema importância da obra que o leitor tem em mãos. O estudo de Valmor da Silva, *O caminho da justiça na sabedoria dos provérbios*, chega em boa hora. Ele nos conduz pelas veredas da *sedaqah*, palavra-chave em todas as tradições bíblicas, não apenas na tradição profética. As entrelinhas dos provérbios bíblicos, na sua forma clássica, formulados em dísticos sintéticos e antitéticos, escondem um profundo humanismo religioso, digno de ser conhecido e valorizado. Todos os âmbitos da vida e todas as classes sociais são contemplados nas sínteses proverbiais por serem frutos da experiência do cotidiano, em que nada escapa à atenta observação do sábio, para captar o que convém e o que não convém, em vista da harmonia social, cujo fruto sazonado é o *shalom*.

Entretanto, assim como acontecia com os profetas, as injustiças tornam-se sinais vermelhos a chamar a atenção dos sábios. Os sintomas sociais anômalos são logo percebidos como desrespeito à ordem da criação e, por consequência, atropelos ao desígnio do Criador. Com provérbios precisos, os sábios apontam o querer divino: “Oprimir o fraco é ultrajar seu Criador, honrá-lo é ter piedade do indigente” (Pr 14,31); “Iahweh arranca a casa dos soberbos, e fixa os marcos do terreno da viúva” (Pr 15,25). Essa preocupação está presente na sabedoria de todos os povos. Outro tópico importante na linguagem sapiencial diz respeito ao recurso às imagens na formulação dos provérbios, bem explicitado na obra em questão. E todas muito certeiras, de modo a possibilitar ao leitor/ouvinte pensar, imaginar o provérbio, a ponto de se dispensarem explicações. “Rugido de leão é a ira do rei, orvalho sobre a relva é o seu favor” (Pr 19,12). “Dente que balança e pé que manca é confiar no traidor no dia da angústia” (Pr 25,19). Em face da plasticidade da formulação, só resta dizer: “É assim mesmo!”.

O capítulo que faz jus ao título da obra intitula-se “A justiça no livro bíblico dos Provérbios”. A concepção veterotestamentária de justiça (*sedaqah*) está muito distante da nossa visão

corriqueira. Diz respeito a um modo de proceder que torna a ação humana semelhante à de Deus, o justo por excelência (Sl 7,11; 11,7; 145,17; Dt 32,4; Jr 33,16). Quem caminha na justiça dá origem ao tão ansiado *shalom*, a sociedade do bem-estar e do respeito à dignidade de todos os seres humanos. *Sedaqah* e *shalom* são duas palavras muitas vezes associadas na tradição bíblica, como é o caso da sugestiva imagem do salmista: “Justiça e Paz se beijarão!” (Sl 85[84],11). A ética proposta nos Provérbios visa, em última análise, ao advento da justiça na sociedade. Sua ausência é facilmente perceptível nos graves transtornos sociais, cujas primeiras vítimas são os pobres.

Um capítulo que não podia faltar é o dedicado aos pobres. Afinal, a tradição sapiencial tem grande preocupação com eles, para defendê-los, em consonância com a tradição legal (Dt 24,10-15.20-22). Um provérbio chega a colocá-los em pé de igualdade com Deus, ao afirmar: “Quem doa ao pobre empresta a Deus, que lhe dará a recompensa” (Pr 19,17). Outro inculca a urgência de cuidar dos pobres, com palavras fortes: “Quem doa ao pobre não passa necessidade, mas quem fecha os olhos para ele terá muitas maldições” (Pr 28,27). Dentre as várias categorias sociais visadas, os órfãos e as viúvas, por sua fragilidade, são referidos de maneira especial (Pr 15,25; 23,10-11). A sabedoria evangélica segue a mesma direção. O destino final de cada ser humano dependerá da maneira como se comportou diante do pobre em suas necessidades (Mt 25,31-46).

Uma leitura proveitosa do livro de Valmor da Silva terá o efeito de produzir nos leitores e nas leitoras a consciência de quão importante é trilhar os caminhos da sabedoria, cujas origens se perdem nas brumas do tempo, embora permaneça tão atual e necessária. Como diz a sabedoria popular: “Quando a gente está no caminho errado não adianta pegar atalhos”.

## INTRODUÇÃO

---

**E**ste livro trata sobre a justiça em provérbios. Explica palavras, distingue conceitos, interpreta ditos populares, compara a sabedoria bíblica com a atual, critica interpretações equivocadas e propõe novas relações humanas, justas e equânimes.

Proposta difícil? Dificílima!

As opções se impõem pela própria impossibilidade de abranger todos os aspectos pretendidos. Os recortes são necessários diante da complexidade temática e da diversidade das abordagens teóricas. Os esforços, no entanto, compensam, perante um assunto tão importante e desafiador.

No primeiro capítulo, discutem-se ditados atuais, de domínio comum, sobretudo da realidade brasileira, em comparação com provérbios bíblicos. Os três seguintes são dedicados mais especificamente ao livro bíblico de Provérbios. A pretensão é manter sempre o duplo olhar, isto é, da Bíblia para a realidade e da vida para a Bíblia.

O primeiro capítulo pretende ilustrar as realidades ambíguas e paradoxais da vida, expressas em ditos e aforismos, como reflexo da sabedoria popular, atual, mas também bíblica. Os ditos proverbiais demonstram conflitos e harmonizações entre sabedoria antiga e moderna, erudita e popular, nacional e estrangeira, de pobre e de rico, de homem e de mulher, de criança e de pessoa idosa.

O segundo capítulo aborda o imaginário bíblico proverbial sobre justiça, com exposição das principais figuras e metáforas. Os símbolos são os mais variados que se possa supor, e se inspiram no comércio, como a balança; nas armas, como a espada; no vestuário, como o manto; na natureza, como a luz; no caminhar, como a estrada; e no corpo humano, como os pés.

O terceiro capítulo vai ao tema central do livro para discutir sobre o conceito de justiça nos Provérbios bíblicos. Parte da convicção segundo a qual Deus é justo em sua essência para afirmar o valor de caminhar na justiça, a contradição entre justos e perversos, a retribuição como efeito lógico da relação entre ato e consequência, a importância da justiça para o bom governo.

O quarto capítulo, enfim, discute, no livro bíblico de Provérbios, o desafio fundamental para a proposta da justiça, que é a realidade da pobreza. Expõe a predileção de Deus pelos pobres, o juízo negativo de Provérbios sobre os ricos, a discussão sobre a autoria de Provérbios, com a consequente interpretação das classes sociais.

Justificativas para este estudo não faltam, certamente. E vão desde motivações pessoais até propostas de solução para os principais problemas da humanidade.

A justificativa pessoal do autor deste estudo ilustra diversas conclusões apresentadas, e comprova, especialmente, que é possível superar a marginalização da pobreza, em vista da luta pela promoção humana e pelos direitos das pessoas carentes.

A justificativa educacional do estudo convida a investir na pesquisa, mas também na formação de pessoas, para que elas obtenham maior conhecimento e desenvolvam mais sensibilidade. Se a mudança de mentalidade é importante para redirecionar uma vida, ela é particularmente decisiva para melhorar a sociedade. Com relação à justiça, é imprescindível burilar os conceitos e clarear as ideias, em vista de práticas mais eficazes. Ideias equivocadas, não raro, levam ao conformismo e a maiores injustiças.

A justificativa religiosa e teológica da prática da justiça busca suas origens nas cosmogonias mitológicas do mundo antigo, e estabelece ligações entre o mundo sagrado e o profano. A justiça é concebida, desde suas origens bíblicas e helênicas, até a atualidade, como uma prerrogativa das divindades e uma pretensão dos seres humanos. Na busca pela justiça, a humanidade expressa seu anseio espiritual mais profundo, que só pode ser encontrado na transcendência divina.

A justificativa bíblica do objeto desta pesquisa se impõe, por diversas motivações, que vão desde a formação do autor até o reconhecimento da Bíblia como Escritura Sagrada, texto normativo e Palavra de Deus. Em função disso houve a necessidade de uma hermenêutica adequada, em vista da interpretação dos textos para a realidade atual.

A justificativa temática pela escolha da justiça em provérbios se deve à necessidade de aprofundar o assunto, tão denso quanto vasto, dentro de um livro específico, tão rico quanto diversificado, sem contar a comparação com a equivalente sabedoria popular hodierna. Denúncias de desigualdade têm sido estudadas, com maior frequência, do ponto de vista dos Profetas. Aqui se propõe o contexto da sabedoria como veículo transmissor da cultura popular.

A justificativa interdisciplinar das diversas abordagens sobre justiça é sempre levada em consideração, embora nem sempre seja possível torná-la explícita. A justiça integra, como tema unificador, diversas áreas do saber, numa abordagem transdisciplinar que parte, no caso, da Teologia e das Ciências da Religião, mas que inclui, na discussão, a Filosofia, o Direito, a Sociologia e a História, entre outras áreas do saber.

A justificativa interdisciplinar dos provérbios da Bíblia e da atualidade igualmente integra Teologia, com noções sobre a relação entre Deus e o ser humano; Antropologia, com o conceito de cultura popular; e Literatura, com os diversos ditos e anexins.

A justificativa atual, na realidade brasileira, não poderia ser mais impositiva, pois as situações de injustiça são clamorosas.

Os problemas de injustiça social atingem praticamente todos os campos da vida das pessoas, nomeadamente alimentação, saúde, moradia, educação e empregabilidade. Os provérbios populares, tanto da Bíblia quanto da atualidade, retratam tais situações, e expressam, a seu modo, críticas e denúncias.

A preocupação pela justiça vem de longe, visto que a corrupção parece ser congênita aos seres humanos. A Bíblia, como testemunho literário da natureza humana, não esconde situações de exploração, violência e marginalização. A história da humanidade, vista por esse ângulo, é uma sequência de guerras, com o uso da força para subjugar os mais fracos. Assim, o tão sonhado triunfo da justiça parece longe de ser alcançado a partir de uma visão global sobre a realidade.

Injustiça marca a convivência humana, considerada na sua acepção mais imediata, do senso comum, como relação de dominação de pessoas ou instituições. Injustiça é entendida, nessa perspectiva, como qualquer relação de assimetria, de acordo com alguns exemplos a seguir.

Quantas vezes as injustiças não foram sentidas na própria pele? Na família, há o caso do irmão preferido, da prima de estimação, do melhor amigo. Na escola, é a coleguinha que sempre tira a melhor nota. No grupo de amigos, alguém sempre se destaca mais. No esporte, enquanto um ultrapassa os demais, outro fica sempre em último lugar. No casamento, a relação vai das juras de amor eterno para as humilhações cotidianas. No emprego, o salário nunca é condigno ao esforço pessoal. Nos negócios, enganação. E a vida acaba no esquecimento, sem que reconheçam o seu talento.

Injustiças históricas não seriam uma marca na sequência dos acontecimentos no Brasil? A Terra de Santa Cruz ou de Vera Cruz começa pelo registro de uma ocupação colonizadora, com o degredo de condenados, a depredação da natureza e a exploração das riquezas naturais, seguidos pelas chacinas de índios e pela escravidão dos negros. Enquanto isso, as terras

pertencentes aos índios foram loteadas em forma de capitâneas hereditárias, origem do latifúndio, assegurado por roubo, grilagem e posse ilegal de terras. As mulheres acumularam ainda mais injustiças sobre seus ombros, combinando, com frequência, o fato de ser mulher, negra, escrava, viúva, pobre, empregada doméstica, violentada, prostituída... Enfim, é repugnante percorrer algumas bases institucionais históricas do país, como autoritarismo, golpismo, clientelismo, coronelismo, machismo e outros “ismos”...

Injustiças atuais, na realidade nacional, não são ainda mais revoltantes? Alguns exemplos saltam aos olhos, como assimetrias entre campo e cidade, Sul e Nordeste, magnatas e caipiras; latifundiários e sem-terras. A política tem sido, sistematicamente, o maior campo de corrupção. A educação seletiva, discriminatória e inconsequente, relega à ignorância e ao analfabetismo massas humanas em grande número. A saúde é marcada pelo descaso, abandono e discriminação. A moradia exhibe favelas e barracos ao lado de edifícios e mansões luxuosos. O desemprego mantém multidões na informalidade, nos salários aviltantes e na miséria extrema. A falta de alimentação leva multidões a viverem abaixo da linha da pobreza e a morrerem de fome.

Injustiças contra a natureza não são ameaça à vida na terra? As consequências são drásticas, como destruição de biomas, extinção de espécies, devastação de florestas, poluição das águas. Propostas ecológicas constituem preocupação prioritária do atual Papa Francisco, na feliz Encíclica *Laudato Si'* (Louvado seja).

Injustiças mundiais não são ainda maiores? Exibem o choque entre potências militares assassinas, a exploração de nações enriquecidas pela exploração de outras mais pobres, a autoproteção de poderosos em torno de conglomerados como G8, G20, com as tentativas de subpoderosos como emergentes, BRICS, países pobres e nações miseráveis. A chamada globalização extrai os bens de um continente inteiro, como a África, para concentrá-los em outros, com fartura e desperdício.

Injustiças recentes, em noticiários de grande circulação, ilustram a realidade atual, sob o ponto de vista da justiça e injustiça, fazendo eco à famosa frase atribuída a Mahatma Gandhi: “O mundo tem riquezas suficientes para satisfazer as necessidades de todos os seres vivos, mas não tem o bastante para contentar a ganância de alguns”.

Injustiças em manchetes, apenas algumas, ilustram esta pesquisa, do final dos últimos dois anos: “1% da população global concentra metade de toda a riqueza do mundo” (5/10/2015). “No Sudão, as pessoas são obrigadas a cozinhar grama para se alimentarem” (29/10/2015). “Lima, a cidade onde os pobres pagam dez vezes mais pela água” (02/11/2015). “Brasil é 12º país com maior riqueza individual, diz estudo” (04/11/2015). “Naufrágio no Mediterrâneo deixou 800 imigrantes mortos, diz ONU” (21/04/2015). “Lucro do Banco do Brasil sobe 6,3% no terceiro trimestre de 2015” (nov. 2015). “IBGE: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre” (02/12/2016). “Países mais pobres estão ‘cada vez mais atrasados’ (ONU)” (13/12/2016). “Nos postos mais altos, diferença salarial entre mulheres e homens supera 50%” (16/12/2016). “Por que o Brasil está há 2 anos sem divulgar lista de empregadores que usam trabalho escravo?” (22/12/2016).

Há mais de dois milênios, em contrapartida, alertava a mãe do jovem Lamuel, rei de Massa:

*Abre tua boca em favor do mudo,  
para defesa de todos os filhos do desamparo;  
abre tua boca, julga com justiça,  
e defende o pobre e o indigente (Pr 31,8-9).*

Valmor da Silva

## CAPÍTULO 1

### AMBIGUIDADES E PARADOXOS DA VIDA EM PROVÉRBIOS<sup>1</sup>

---

---

Por três coisas treme a terra,  
e a quarta não pode suportar.  
Por um servo quando reina  
e um tolo quando está farto de pão.  
Pela que foi odiada quando se casa  
e a serva quando fica herdeira da senhora dela.

(Pr 30,21-23)<sup>2</sup>

**E**ste capítulo trata da capacidade dos provérbios populares para abranger os diversos aspectos da vida, ora fragmentários, ora diluídos, ora até contraditórios, denominados ambíguos ou paradoxais. Do ponto de vista da história, os provérbios tanto podem ser tradicionalistas como podem ser inovadores. Pela ótica da cultura, não surpreende que eles incluam erudição e saber popular. Na mesma ótica cultural e religiosa, aproximam povos distantes e irmanam confissões diferentes. Pela visão das

<sup>1</sup> Este capítulo retoma o texto publicado anteriormente como artigo de revista (SILVA, 2008, p. 66-78), com modificações e acréscimos, principalmente na parte bíblica.

<sup>2</sup> A tradução dos provérbios bíblicos, em geral, é própria, literal, para aproximar-se o máximo possível do sentido original, de acordo com a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (ELLIGER; RUDOLPH, 1967). Também foi utilizado, para cotejar a tradução, o texto analítico e interlinear de Gusso (2012). A tradução usada como referência, normalmente, é a da *Bíblia de Jerusalém* (1992). A tradução literal, entretanto, exige inserção de termos como artigo e verbo ser, para dar sentido à frase. No caso, o original hebraico da primeira linha soaria “Sob três treme terra” (v. 21a) e da última linha “e serva quando herda senhora dela” (v. 23b).

classes sociais, há ditados de ricos e de pobres, com críticas a uns e a outros, assim como com elogios a ambos. O mesmo se pode dizer da visão de gênero, em que tanto homem quanto mulher podem ser objeto quer de críticas, quer de elogios. Enfim, na ótica geracional, ditos e comparações incluem sabedoria de criança e, simultaneamente, sabedoria de ancião.

## **AMBIGUIDADES E PARADOXOS DA VIDA EM PROVÉRBIOS POPULARES**

Os provérbios bíblicos, assim como os ditos populares atuais, baseiam-se em experiências de vida, são transmitidos oralmente e, por isso, abrangem os diversos aspectos da realidade. Essa característica é típica da literatura sapiencial. Obras de pessoas sábias sempre surpreendem. É o caso dos Salmos, que transformam em louvor a Deus eventos da realidade cotidiana com imagens, “como criança desmamada no colo da mãe” (Sl 131,2). Jó questiona o sofrimento humano e a própria justiça divina: “por que os ímpios continuam a viver; e ao envelhecer se tornam ainda mais ricos?” (Jó 21,7). Cântico dos Cânticos exalta a beleza da paixão humana, e conclui que “o amor é forte, é como a morte” (Ct 8,6). Eclesiastes ou Coélet dispensa o nome de Deus e afirma que “há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu” (Ecl 3,1). O livro de Provérbios, sobretudo, é capaz de fascinar com retratos da vida, condensados em fórmulas poéticas, breves e instrutivas.

## **AMBIGUIDADES E PARADOXOS DA VIDA EM PROVÉRBIOS POPULARES DA ATUALIDADE**

Também os ditados populares, de maneira simples e condensada, ilustram aspectos contraditórios e, ao mesmo tempo, abrangentes, como o seguinte:

*Os tristes acham que o vento geme; os alegres acham que ele canta.*

Há, inclusive, provérbios que manifestam a ambiguidade da vida humana quando, de maneira antagônica, um diz o contrário do outro, como neste elenco (VELLASCO, 1996, p. 6-7):

Longe dos olhos, perto do coração. — O que os olhos não veem, o coração não sente.

Rei morto, rei posto. — Quem foi rei nunca perde a majestade.

As roupas não fazem o homem. — O alfaiate faz o homem; ou: Boa aparência é carta de apresentação.

Depois da tempestade vem a bonança. — Um problema nunca vem sozinho; ou: Uma desgraça nunca vem sozinha.

Nunca deixe para amanhã o que você pode fazer hoje. — Amanhã é outro dia.

Nunca é tarde para aprender. — Cachorro velho não aprende novos truques; ou: Boi velho não toma andadura.

Quem cedo madruga acha o que comer. — Não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.

Ruim com ele, pior sem ele. — Antes só do que mal acompanhado.

Por vezes, um mesmo provérbio pode ter leitura ambígua. Outro pode ganhar nova interpretação. Nisso se revelam as diversas faces da realidade. Graças ao senso de humor, há provérbios que circulam com dupla versão, como os exemplos a seguir (VELLASCO, 1996, p. 23):

Depois da tempestade vem a bonança; ou: Depois da tempestade vem o lamaçal.

Quem espera sempre alcança; ou: Quem espera desespera.

Não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe; ou:

Não há mal que sempre dure, nem mal que sempre se ature.

Outros, ainda mais escrachados, traduzem a criatividade da juventude, como estes que circulam, de maneira anônima, na internet:

Quem ri por último é retardado.

Os últimos são sempre... desclassificados.

Quem o feio ama é porque vê mal.

Quem dá aos pobres fica com menos.

Há males que vêm para piorar.

Gato escaldado morre.

Depois da tempestade vem a gripe.

Provérbios são formas literárias que transmitem sabedoria de maneira condensada. Partem de uma situação social e cultural concreta. Geralmente apelam para uma metáfora, uma imagem tirada do dia a dia e, na maioria das vezes, do contexto rural, como chuva, galinha, macaco etc. Tais ditos exprimem-se de maneira concisa e poética, adquirindo grande valor estético. Servem para pensar e também para divertir.

Em decorrência de sua ligação com a realidade, os aforismos se adaptam às mais diversas situações: podem ser traduzidos para outras culturas; podem dizer o contrário do que expressavam originalmente; podem mudar de sentido. Não possuem um significado absoluto, nem se atrelam a uma verdade única. Como manifestam as diversas faces da realidade, os provérbios são polissêmicos, isto é, podem adquirir vários sentidos (COLOMBRES, 2017, p. 55).

Rangel (2003, p. 12) fala de aparente contradição. O fato é que a realidade possui muitas faces, e os ditos populares abrangem essa amplitude e diversidade.<sup>3</sup>

Em outros termos, é possível falar em “ambivalências e limitações da sabedoria” (CRB, 1993, p. 31). Por sua força própria, a sabedoria, sobretudo expressa nos provérbios e máximas, pode servir a interesses diversos. Ela é normalmente a melhor maneira de comunicação entre o humano e o divino. No entanto, ela pode ser objeto de manipulação em favor do tradicionalismo, da prosperidade, do individualismo, do moralismo, e até mesmo

<sup>3</sup> Bauman (1999) analisa como ambivalência esse aspecto ambíguo da modernidade líquida.